



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 11, Issue, 05, pp. 46662-46665, May, 2021

<https://doi.org/10.37118/ijdr.21811.05.2021>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## RESSIGNIFICADO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS: CATEGORIAS SIMILARES EM NIETZSCHE E MELUCCI

\*<sup>1</sup>Fábio Luiz Lacerda de Freitas and <sup>2</sup>Kátia Paulino dos Santos

<sup>1</sup>Professor de Filosofia no Estado do Amapá - Brasil

<sup>2</sup>Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amapá (UEAP – Amapá – Brasi)

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 20<sup>th</sup> February, 2021  
Received in revised form  
17<sup>th</sup> March, 2021  
Accepted 19<sup>th</sup> April, 2021  
Published online 14<sup>th</sup> May, 2021

#### Key Words:

Eterno retorno, Movimentos sociais, Resignificado, Invenção do presente.

#### \*Corresponding author:

Fábio Luiz Lacerda de Freitas,

### ABSTRACT

Seguindo a indicação de Nietzsche em seu pensamento do “eterno retorno”, o presente trabalho visa apontar quais as disposições contemporâneas de resignificado para os movimentos sociais segundo categorias similares em Melucci. O artigo discute dois aspectos importantes, os conceitos acerca do “eterno retorno” na perspectiva do filósofo alemão Friedrich Nietzsche e sustenta uma estreita relação conceitual com a ideia da “Invenção do presente” do sociólogo italiano Alberto Melucci. Como ponto de partida para a análise, buscamos explicitar os valores que possuem sentido de categorias similares tanto no “eterno retorno” de Nietzsche quanto na “Invenção do Presente” de Melucci, em seguida evidenciamos como as categorias similares em Nietzsche e Melucci produzem o sentido de resignificado no valor da ação afirmativa dentro do coletivo social.

Copyright © 2021, Luis Felipe Moreira Bassani et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Fábio Luiz Lacerda de Freitas and Kátia Paulino dos Santos. 2021. “Resignificado dos movimentos sociais: categorias similares em nietzsche e melucci”. *International Journal of Development Research*, 11, (05), 46662-46665.

## INTRODUÇÃO

Diretamente não podemos atribuir ao filósofo alemão uma teoria que versa especificamente sobre os movimentos sociais e sua estrutura de identificação. Contudo, foi com a afirmação de uma realidade que se repete por toda a eternidade que Nietzsche desenvolve uma teoria capaz de se mostrar categoricamente similar a noção de resignificado da realidade cotidiana a partir da participação dos jovens nos coletivos e movimentos sociais no qual estão inseridos, ou seja, é na sua analogia de uma eternidade temporal que julgamos que Nietzsche encontra ressonância para sua contribuição filosófica sobre os movimentos juvenis de mobilização coletiva. Se por um lado Friedrich Nietzsche não tenha especificamente trabalhado o tema, ou ainda seja reconhecido como avesso a mobilizações coletivas, por outro, sua filosofia é facilmente reconhecida como a defensora do ir além do tradicional, de dar uma nova medida aos valores e assim, romper com todos os valores. Bem como Melucci, que buscou incorporar novas categorias de significado para os movimentos coletivos, rompendo com os tradicionais valores da política e sociologia tradicional. O objetivo central deste estudo é compreender a similaridade de pensamentos sobre a resignificação da ação coletiva entre os pensadores Nietzsche e Melucci. Pretende-se, sobretudo, elencar os pensamentos que sirvam de alicerce na redução dos estigmas geralmente relacionados a práxis da atuação dos jovens

nesses movimentos coletivos, a fim de diminuir suas desvantagens no cenário da participação social. Foi possível com este estudo reinterpretar a aforismo nietzschiano do “eterno retorno”, sob um olhar antropológico-filosófico a partir da proposta de Melucci, de construir ativamente o sentido da própria ação.

**Eterno retorno e a Invenção do presente e suas categorias de valor similar:** Na raiz de toda a obra de Nietzsche o aforismo do “eterno retorno” ganha da filosofia diversas interpretações, tendo cada uma delas sua construção argumentativa bem definida historiograficamente. Para efeito deste trabalho, o caminho filosoficamente determinado não se atém às inúmeras interpretações, subjaz outras possibilidades de representações que foram além da hipótese cosmológica de eternidade do tempo. Pois, de acordo com o filósofo a vida como ela é, como a conhecemos iria se repetir infinitas vezes:

E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu vives agora e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes: e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indivisivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e sequência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será

sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira! “Não te lanças ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasses assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus e nunca ouvi nada mais divino”. Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse: a pergunta diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e inúmeras vezes?” Pesaria como o mais pesado dos pesos sobre o teu agir! Ou, então, como terias de ficar de bem contigo e mesmo com a vida, para não desejar nada mais do que essa última, eterna confirmação e chancela? (Nietzsche, 2012, p. 341).

Não se considera a possibilidade de Nietzsche acreditar mesmo em uma realidade literal de retorno cronológico do tempo. E sim na resignificação do único momento possível, o presente, em outras palavras, a alegoria de um demônio que surge para repetir eternamente a mesma realidade, apresenta dentro do projetonietzschiano de “Transvaloração dos valores”, um atributo de valor ao presente, pela importância encontrada nela própria e não por uma possibilidade futura de castigo ou mesmo compensatória. Uma consideração importante é a de que o homem precisa ver a vida como única e vivê-la como se assim o fosse, e na possibilidade de uma repetição eterna de realidade não caberia ressentimentos, pois, se viveu de uma forma plena o presente. Tendo isso como verdade que se encontra na filosofia de Nietzsche um exame isento de pressupostos hipotético metafísicos, e sim em uma filosofia para seu tempo. Essa afirmativa que coloca o “eterno retorno” como parte da tese nietzschiana de superação as concepções tradicionais da moral cristã, e encontra relevância ao passo que para Nietzsche “tudo que eleve no homem o sentimento de potência, a vontade de potência, a própria potência” (Nietzsche, 1996, p. 27.). Isto é, a única recompensa, o único valor no jogo da vida é o próprio viver, o significado afirmativo e inocente que você dá a ela. Pagni e Silva falam assim sobre esse resignificado:

O pensamento afirmativo é inocente porque elabora verdades nos encontros produzidos pela vida, e a valoração como bom e ruim é resultado desse encontro. Na inocência do pensamento, não existe algo que estivesse além, acima, transcendente ou transcendental ao encontro e que pudesse julgá-lo, a não ser o próprio encontro e os afetos naqueles que o sofrem. Pensamentos que afirma a experiência da vida como acontecimento singular, incapaz de criar valor de verdade que sirva para julgar outros acontecimentos ainda por vir. (Pagni; Silva, 2007, p. 211)

Reside aqui uma dupla interpretação de mundo apresentada por Nietzsche. Uma que o mundo elabora suas verdades, e essas verdades é o atributo de valores dos fenômenos. A outra é que esses significados, essas verdades encontram importância apenas na própria vida ativa e afirmativa e não em possibilidades, sejam elas estabelecidas no passado ou no futuro. Tal interpretação do “eterno retorno” sustenta a importância de resignificar a existência pelo valor que ela tem nela mesma e “não se pautar em acontecimentos anteriores, o pensamento se produz como um começar novo” (Pagni; Silva, 2007, p. 211) sem obrigatoriamente existir esse novo momento cosmológico de tempo. A partir da análise do aforismo nietzschiano do “eterno retorno” é possível se falar em uma resignificação do dia-a-dia dos membros dos movimentos sociais sobre suas experiências em participação nesse coletivos dando a elas um significado moral não na perspectiva de passado ou de receio no futuro, mas sim com uma atitude afirmativa que lhes garante atribuir valor e significado nas próprias ações de suas experiências, e o pensamento do retorno cíclico, neste sentido, se apresenta, sobretudo, como a realização desta perspectiva.

Encarando, deste modo, o “eterno retorno” foi possível identificar uma dimensão afirmativa relacional que “acresce na ação o componente de significado” (Melucci, 2005, p. 27) e estabelece a hora de agir, e agindo sem fazer consentimentos, sejam eles em razão de disposições transcendentais ou universais de uma moral divina ou

qualquer moral humana que lhes agrida suas especificidades e lhes obrigue valores de outrem. A justificativa de que os movimentos sociais são ações coletivas que propendem a sustentação ou mesmo a mudança de uma determinada situação, de uma determinada realidade, é o ponto de partida de Melucci para o projeto intitulado *A invenção do presente*. Porém, Melucci afirma que “estamos, certamente, diante do desaparecimento da ação e dos sujeitos que coincidem com a nossa ideia tradicional de movimento” (Melucci, 2001, p. 10.). Entretanto, tal afirmação não significa que o autor esteja decretando a morte dos conflitos sociais, e sim uma crítica aos atores desta ação coletiva, que se prendem a um determinado paradigma de ação. Assim sendo, Melucci sustenta uma proposta com a pretensão de “responder à demanda de sentido da ação coletiva” (Melucci, 1997, p. 29.). Tal compreensão da *Invenção do presente* requer também um pressuposto de continuidade imutável e que a novidade ou o novo não retornam, mas sim encontram significado na própria existência.

Quem está e atua na história faz constantemente a experiência de que nada retorna. Reconhecer o que é não quer dizer aqui conhecer o que há num momento, mas perceber os limites dentro dos quais ainda há possibilidade de futuro para as expectativas e os planos: ou mais fundamentalmente, que toda expectativa e toda planificação dos seres finitos são, por sua vez, finitas e limitadas. A verdadeira experiência é assim, a experiência da própria historicidade. (Gadamer, 1998, p. 527-528).

Enquanto um espaço de resignificação da existência pela ação afirmativa, os jovens devem em torno da questão da atuação nos movimentos sociais, criar seus próprios significados. Essa diferente forma de pensar, ou de resignificar através da ação coletiva sua identidade encontra destaque no campo narrativo afirmativo.

A noção de identidade narrativa mostra sua fecundidade no fato de que ela se aplica tanto à comunidade quanto ao indivíduo. Podemos falar da ipseidade de uma comunidade como acabamos de falar da de um sujeito individual: indivíduo e comunidade constituem-se em sua identidade ao receberem tais narrativas, que se tornam para um e outro sua história efetiva. (Ricoeur, 1997, p.425).

Dessa maneira, pode-se definir o projeto melucciano da *Invenção do Presente* como uma tarefa de resignificação da identidade, apoiado na valorização da própria ação coletiva, que assim como no “eterno retorno”, não compreende uma recompensa profética de algo distante para passado ou futuro, o único valor da vida é o próprio viver. Melucci diz que “os movimentos contemporâneos são profetas do presente. Não têm força dos aparatos, mas força da palavra. Anunciam a mudança possível, não para um futuro distante, mas para o presente da nossa vida” (Melucci, 2001). Tal valorização da ação pela própria ação elimina características essencial ou metafísica dos entes coletivos. Assim como em Nietzsche, que a criação de valores independia da submissão ou crivo da moralidade. Para Melucci:

Os movimentos não são personagens que se movem com a unidade de fins que lhes é atribuída pelos ideólogos. São sistemas de ações, redes complexas de relações entre níveis e significados diversos da ação social. A identidade coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões, conflitos entre atores. Processos de mobilização, formas organizativas, modelos de liderança, ideologias e formas de comunicação são níveis de análises significativos para reconstruir internamente o sistema da ação que constrói o ator coletivo. (Melucci, 2001, p. 23).

Seria a vontade de poder mais fundamental impulso da vida, ainda mais do que a própria vida, um viver pela própria existência, direcionando a um crescimento de poder, ao excesso (Nietzsche, 2012). São as formas de organização contemporâneas coletivas caracterizadas por Melucci com o transbordamento de Nietzsche. Em alguma medida, mas sem referências explícitas, Nietzsche e Melucci aqui parecem querer o mesmo fim, a retomada do significado da ação

coletiva como instrumento de valorização da vida pela própria existência afirmativa. O que se operou de diferente foi apenas a abordagem historiográfica e de segmento histórico. Contudo, a invenção do presente pela resignificação a partir da atuação dos jovens em coletivos sociais, tem o mesmo peso epistemológico do eterno retorno nietzschiano, quando visto como uma nova tábua de valores da ação coletiva. Nesse contexto, a participação coletiva assume uma forma de resignificado construtivo nela própria e não em suposições metafísicas ou de uma moral limitadora. Conquanto, “estão presentes elementos da ação coletiva que pertencem à dimensão analítica dos movimentos sociais e, em particular, a uma dimensão de desafio simbólico” (Melucci, 2001, p. 120.). O sentido é a destinação de valor a vida humana na ação afirmativa destinada a uma situação condizente com os atores sociais. O centro desse pensamento melucciano é a mudança, a separação dos pontos simbólicos de significado dos movimentos sociais. Para o sociólogo “nunca, como hoje, foi tão necessário separar no plano metodológico a análise de uma condição social da ação coletiva”. (Melucci, 2001, p. 100). Não por acaso, aqui também se verifica em Nietzsche pontos de pensamento similar aos de Melucci. A mudança, a separação de planos do significado ganhando relevância também na concepção da eternidade cosmológica nietzschiana:

Outrora se pensava que a atividade infinita no tempo requer uma força infinita, que nenhum consumo esgotaria. Agora pensa-se a força constantemente igual, e ela não precisa mais tornar-se infinitamente grande. Ela é eternamente ativa, mas não pode mais criar infinitos casos, tem de se separar tem que mudar: essa é a minha conclusão (Nietzsche, 1979, p.269).

Poderia ser considerado forçoso admitir que o eterno retorno nietzschiano fora mesmo construído visando uma resignificação de movimentos bastante à frente de seu tempo. Contudo, não passa despercebido que o próprio filósofo estabelece uma falta de leitores em seu tempo para suas obras, e que elas ao futuro pertenceriam (Nietzsche, 1996). Bem como, as categorias de resignificado dispostas em Melucci ganham relevância filosófica se colocadas a luz do eterno retorno. A estima pela ação voluntária e ativa para tal mudança de plano parece ser o ponto de vista adotado em ambos os pensadores. Contudo, não se trata aqui apenas de examinar e avaliar escritos dos autores em questão, a fim de admitir forçosamente tal similaridade, e sim entender tais categorias de resignificado, mudança e ação voluntária, visando trazer à luz disposições de categorias que possam ser simultaneamente lidas no contexto de desmistificação dos movimentos sociais. Observa-se que a ação voluntária é o ponto de partida em ambos para que se alcance a mudança necessária e os significados intencionados. Melucci diz:

O que distingue a ação voluntária como categoria sociológica é a voluntariedade do vínculo social dentro do qual ela está inserida: a ação voluntária implica a adesão livre a uma forma de solidariedade coletiva e ao pertencimento a uma rede de relações da qual se participa por escola. (Melucci, 2001. p. 117).

Ao analisar com o devido rigor, verifica-se que tanto Nietzsche, como Melucci estabelecem uma espécie de valor à ação voluntária. Que levam às mudanças metodológicas e assim resignificar os valores dos movimentos sociais. A ação voluntária é afinal uma maneira de agir coletivamente, sem perder o valor individual (Melucci, 2001). E essa estrutura similar fornece o elemento principal de argumentação da pesquisa, ao se apontar como tais categorias similares produzem o sentido e resignificado no valor da ação dentro dos coletivos sociais.

**Ressignificando o valor da ação afirmativa dentro do coletivo social:** O diversificado universo dos movimentos sociais parece, ainda que intuitivamente, estar perdendo espaço enquanto relevante fenômeno social contemporâneo, e em alguma medida esse desencantamento fomentou a perda de interesse e de significado de quem participa e/ou pretende participar nos coletivos. Para Melucci:

O risco ao qual estão sempre submetidos os movimentos contemporâneos é o do “desenraizamento” do seu universo simbólico, incapaz de ter efeitos sobre as relações sociais. A sua função no conflito é a de provocar a visibilidade do poder, obrigando-o a tomar forma. Desse modo, eles explicitam conflitos e necessidades de mudança. (Melucci, 2001. p. 123).

O maior problema com esse diagnóstico é que os importantes movimentos e coletivos que ajudam a transformar a sociedade podem e estão perdendo sua identidade. Não há mais, por parte dos seus membros uma absoluta certeza de seu propósito. Assim se faz necessário uma atitude reflexiva capaz de atribuir novos significados para esses coletivos. Contudo, a análise da própria trajetória iria inferir em um futuro nova perda indenitária. Assim, os movimentos sociais, ou mais especificamente seus membros, se veriam sempre com os mesmos questionamentos. Melucci diz:

Latência e visibilidade são condições permanentes dos movimentos e que passam continuamente de uma à outra. Nesta passagem, alguns atores desaparecem, outros se formam, consolidam-se processos de institucionalização e modernização, mas nascem também novos problemas e se revelam novos espaços de conflitos. A forma cultural dos movimentos abre problema crucial da relação com os sistemas políticos, e coloca, em primeiro plano, o questionamento sobre formas de representação e de organização adequadas aos novos atores. (Melucci, 2001, p. 123).

O tempo em que determinados atores vivenciam a experiência nos coletivos é diferente e potencialmente problemática, e a saída aqui sustentada é a que se encontra no aforismo do eterno presente, a saber, deve-se agir como se a vida em que se vive continuasse a se repetir para sempre (Nietzsche, 2012). Assim como na tese demoníaca de Nietzsche, a questão temporal de Melucci é urgente, ela traz uma contingência, uma transformação, uma mudança de pensar o agir

Para Strathern essa “é em essência uma fábula de moral metafísica, mas Nietzsche insistiu em tratá-la como se nela acreditasse” (Strathern, 1997, p. 20), pois “ênfase suprema e incrivelmente romântica sobre a importância do momento pretende ser uma exortação a que vivamos nossas vidas ao máximo. Como ideia poética passageira, tem alguma força” (Strathern, 1997, p. 75). A tarefa de Nietzsche é enfatizar um momento específico, o momento presente. O único momento em que se pode agir voluntariamente. Sendo real uma experiência em que tudo retornaria exatamente igual, colocando-nos infinitamente responsáveis por nossas escolhas e atitudes no momento presente. Alberto Melucci adota uma proposta equivalente:

Os movimentos contemporâneos tendem a acentuar o caráter de mobilizações no plano cultural, conduzidas de maneira pontual por atores mutáveis. O que os caracteriza é a vontade de tornar o presente possível, de operar para a mudança hoje. A mobilização radica numa identidade particular, numa diferença, que se torna ponto de apoio para um apelo mais geral, instrumento para tornar visível problemas e lugares em jogo que ultrapassam o grupo na sua especificidade. (Melucci, 2001, p.123).

Assim sendo, as mudanças almejadas seriam sustentadas na própria ação voluntária de seus membros, e não em experiências de antecessores. O verdadeiro significado estaria na ação presente, que afirmaria uma legítima mudança de método e um resignificado aos valores de atuação nos coletivos. Por certo, Melucci recorre à crença de que os coletivos em seu processo de formação seguem em larga medida aos que lhes antecederam (Melucci, 2011). Porém, esse vestígio epistemológico não deve ser o agente determinante para o processo indenitário e sim a busca de valor ao que está sendo produzido no presente. É a continuidade temporal se mostrando pela mudança. O demônio do Nietzsche que lhe impõe a continuidade, mas não lhe obriga o pessimismo, e sim a certeza de que “a unidade e continuidade da experiência individual não pode ser encontrada em uma identificação fixa com um modelo” (Melucci, 2005, p. 61). Se

tudo vai se repetir, que seja então da melhor forma possível, ao máximo da ação no hoje. Nas palavras do Melucci, “isso significa acalantar o presente como experiência única” (Melucci, 1997, p. 144). Aliás, é Nietzsche mesmo quem fornece a mesma máxima sobre o período que verdadeiramente importa, o tempo presente (Nietzsche, 1996). É bem verdade que existe estreita similaridade entre os dois. Muito embora, um grande afastamento teórico. Contudo, é razoável afirmar que tanto Melucci como Nietzsche fornecem elementos suficientes para sustentar que o processo de resignificação dos movimentos e coletivos sociais, não só podem como devem buscar o resultado para qualquer desencantamento, no presente, na ação afirmativa e voluntária de querer a mudança, de ser o verdadeiro agente da resignificação. Assim, “portadores da mensagem de o possível já é real na experiência direta dos que o proclamam. A batalha pela mudança já está encarnada na vida e estrutura do grupo” (Melucci, 1997, p. 147). O itinerário percorrido nos permite a reflexão de que se tratando de Nietzsche e sua filosofia avessa ao discurso dos oprimidos, o “eterno retorno” fixa na voluntariedade da ação o verdadeiro significado da vida, a própria vida e não pela opressão vivida ou pela vitória possível. Em síntese, temos tais aspectos apontam as disposições para o resignificado dos movimentos sociais contemporâneos.

## CONCLUSÃO

O propósito almejado por este estudo foi apresentar a partir do aforismo do “eterno retorno” de Nietzsche disposições contemporâneas de resignificado para os movimentos sociais contemporâneos a partir da análise do sociólogo Alberto Melucci. Bem como explicitar que a similaridade de categorias em autores aparentemente contrários, fornecem evidências que produzem o sentido de resignificado no valor da ação afirmativa dentro dos coletivos sociais. Evidenciar em Friedrich Nietzsche categorias de resignificado para movimentos sociais não é uma tarefa agradável. Nietzsche é corriqueiramente reconhecido como o filósofo do poder e da vontade de potência, avesso às massas e aos valores. Portanto, nem sempre, ou melhor, quase nunca indicou construções teóricas que pudessem enaltecer valores coletivos. Contudo, é justamente no seu aforismo do “eterno retorno” onde nos apresenta a nova proposta para realizar a “transvaloração de todos os valores”, que se avalia válida a hipótese de um lastro textual possível de estabelecer similaridade com os conceitos acerca do tema em a “Invenção do presente” do sociólogo italiano Alberto Melucci. Melucci desenvolve suas considerações a partir das noticiadas crises dos movimentos coletivos contemporâneos. A saber: os movimentos feministas, sindicais e juvenis, que perdem, em larga medida, suas identificações ideológicas tradicionalmente oriundas de correntes exclusivamente sociológicas e políticas. O autor preocupado com a consideração acima descrita, propõe a reinvenção dos valores coletivos visando especificamente a ação valorativa individual e voluntária dos membros de tais coletivos sociais. Para o autor, a atitude reflexiva positiva a respeito dos movimentos sociais, uma vez aceitas ganham resignificado no momento da própria ação, o momento presente. Especialmente sobre o tempo, ou mais especificamente sobre a eternidade do tempo que Nietzsche desenrola seu aforismo supracitado. A possibilidade cosmológica de uma eternidade cíclica que permitiu diagnosticar categorias de valores similares aos descritos por Melucci. Para o filósofo alemão a hipótese de uma concepção temporal que se repete serve apenas de alegoria, uma atitude hermenêutica visando revelar o valor que reside na atitude afirmativa e voluntário do homem diante da existência.

Uma vez aceita a hipótese de eternidade temporal, se reforça a importância do momento a ser vivido, o momento presente. Nietzsche negrita o valor da ação humana quando mesmo não acreditando, age como se verdade fosse a concepção da vida que se repete para sempre. Acima de qualquer necessidade ou valor tradicional, o filósofo atribui a transvaloração dos valores através da ênfase na ação voluntária do agir pelo própria agir. Para os autores pesquisados, o autêntico significado reside na ação presente, que garantiria a legítima mudança de método para gerar significados, essas verdades descobrem a acuidade exclusivamente na própria vida ativa e afirmativa e não em expectativas, sejam elas constituídas em qualquer momento que não seja o presente. O trabalho sustenta que o projeto nietzschiano de uma filosofia com eternidade temporal, não se mantém relevante na possibilidade cosmológica e sim na desejável mudança de diretrizes metodológica de valores. Muito embora intérpretes de Nietzsche avaliem de maneira diversa seu aforismo, reside na avaliação de resignificado de similaridade a “invenção do presente” dois polos categoricamente simultâneos e com relevância filosófica. Sem embargo, o alerta filosófico e sociológico da pesquisa para as lutas sociais é que não se deixem sucumbir pela falta de identidade aparente. Que o valor mais relevante é o agir em seu tempo que proporciona o resignificado dos valores individuais que mudam a identidade coletivas.

## Agradecimento

Agradecemos o suporte ao estudo proporcionados pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP-BRASIL).

## REFERÊNCIAS

- GADAMER, Hans-George. *Verdade e método*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- MARQUES, Antônio. *A filosofia perspectiva de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial, 2003.
- MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas*. São Paulo: Editora Vozes, 2001.
- MELUCCI, Alberto. *Sociedades complexa, identidade e ação coletiva*. São Paulo: Editora Vozes, 1997.
- MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa, qualidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. Rio de Janeiro: Clássicos Econômicos Newton, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Tradução e notas Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1979. (coleção Os Pensadores).
- PAGNI, Pedro Angelo; SILVA, Divino. *Introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Avercamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo III). São Paulo: Papyrus, 1997.
- STRATHERN, Paul. *Nietzsche em 90 minutos*. Tradução de Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 1997.

\*\*\*\*\*